

Desde o começo

Cleber Maximiniano

De um dia para o outro, ficava quase igual. O Gorutuba se espalhando e as lavadeiras dentro dele, a lavar os seus amontoados de roupa. No meio, as mesinhas de cimento, onde as mulheres de todas as idades, e até crianças, compartilhavam a lavagem. Era para o sustento de si e da família, com a água até a cintura, sob o sol imenso correndo o céu, sem tomar sombra. Na água escura do rio, rodando espumas, nem se via o fundo de areia branca. A chuva, quando vinha, espantava o mulhieril, derribava os restos de sabão das mesinhas, lavava tudo, uma chuva que enxaguava o próprio rio. Na primeira vez em que ele a viu bater e torcer a peça de roupa sobre a mesinha, não soube direito o que sentiu: uma sensação inusitada, o jeito de torcer a roupa e balançar o quadril ao mesmo tempo. Viu as outras mulheres ao seu lado, algumas puxando o canto, outras que tentavam encaixar o quadril no ritmo da melodia. Da família, ele soube depois, só mesmo a irmã e um irmão, filhos de pai com ascendência nipo-brasileira, casado com uma mineira de Janaúba, migrante por opção da bananicultura. Nanami é o nome dela, cuja escolha feita pelo seu pai, já falecido, deve-se aos olhos puxadinhos, quase pequenos, num rostinho de bochechas altas e salientes. Às vezes, sumida, ela deixava de ir ao rio, como naquele dia. O mundo é grande, e o Gorutuba, depois da barragem, some nas águas do Verde Grande que por sua vez vai sumir no São Francisco.

Era uma manhã quente naquele fim de verão. Antes de apeiar do burro pelo-de-rato, Bento Loro tirou o chapéu em cumprimento às lavadeiras. Sentou-se à beira d'água, com as rédeas atrás de si, depois do Soroco se abaixar e beber da água passante. As lavadeiras do rio Gorutuba, em Janaúba, ao vê-lo ali, perguntaram-lhe o seu intuito; pode ser que estivesse interessado na lavagem de roupas, ofício de todas elas. Ele disse que sim, mas noutro dia. Não eram muitas as peças que lhe compunham o traje de boiadeiro, servindo-lhe nas viagens, no tanger de bois de um rumo a outro. O sol assente, ali, tinha outra motivação: aquelas mulheres, que ali se sujeitavam ao seu calor, ganhavam a sua energia para a lida diária. Bento Loro sossegava. Ao seu lado, o muar que o levava resignadamente, e que naquele instante se servia do ruído moroso de água para fechar os olhos, balançava a cauda na vertical, sem nenhuma pretensão de molhar as patas. Vez ou outra, mastigava o capim que crescia à margem arenosa.

No alto, sobre aquelas mulheres renitentes, o sol passava as suas horas. De vez em quando, elas cantarolavam; depois, prosseguiam com o mesmo gesto de mãos e braços, esfregando, enxaguando, dizendo palavras e cantigas. No entardecer, voltavam às suas casas e o rio continuava em silêncio, ora alargando-se, ora estreitando-se, até verter-se no Verde Grande. Passando por ali, no seu trajeto de costume, Bento Loro a tudo mirava, montado em Soroco, que por conta da sua meia idade, tinha aprendido a economizar as energias, sempre quieto, mastigando o tempo e a grama.

No meio daquela manhã, Bento Loro nem reclamou da ausência de Nanami. Tinha lhe perguntado o nome, da outra vez que parou para molhar as mãos e o rosto. O sol começava a tomar prumo, galgava o céu. O céu, à medida do avanço do sol, acinzentava-se e enegrecia por baixo do azul, na barra, carreando umas nuvens baixas. Ameaço de chuva, talvez. Bento Loro recolhia nas retinas a imagem do rio que morosamente envolvia as suas lavadeiras. Absorvia as cores e os sons quando viu o vulto de Nanami se aproximar. Ficaram por alguns segundos pensando no que iriam dizer um ao outro. Talvez pensassem primeiramente na trouxa de roupa por lavar, quase metade do dia tinha ficado para trás. Bento estacou diante dela; foi então que apontou para o céu e disse-lhe em voz calma:

"Tem jeito não, moça! É dia sem chuva, outra vez!"

"É! O moço é daqui?"

"Emprestado! Movente como os bois que de vez em quando eu levo, para um rumo ou para o outro. Mas se não tem chuva, tem o rio, não é mesmo?"

Ela concordou ouvindo das outras lavadeiras que ele tinha roupas para lavar. Fez cara de entendida; mirou-o, retirando os olhos das lavadeiras. Desceu ao chão a trouxa que trazia; depois, devagar, mirou o céu novamente, como se pedisse clemência ao alto. Botou reparo na camisa que ele usava, pediu-lhe que a tirasse. Obedecido, ele vestiu a outra, de reserva. Em seguida, ela dirigiu-se à sua mesinha no meio do rio. As outras companheiras se ajeitaram curiosas. Bento agradeceu, galgou o lombo de Soroco e voltou a casa. Enquanto deixava a margem, Soroco continuava a balançar a sua cauda, tão acostumado à lida diária do trabalho. Ainda por alguns segundos, Bento Loro ficou a olhar a sua camisa a se dobrar e desdobrar nas mãos de Nanami, ensaboada, de um lado a outro.

No rio as lavadeiras. Dia sim, outro também, o sol lhes ensolarava as cabeças, o rio lhes ensoleirava os pés com seu leito arenoso e barrento. De vez em quando, esvaziava-se um pouco de luz, sobre as nuvens escuras, e elas davam um tempo aos afazeres, nem que fosse para tomar um café com bolo de banana, trazidos no farnel. Vinha o vento antes da tarde, arqueando a superfície da água, em movimentos sincronizados. Depois, depois silenciava, calorento, como de tantas vezes. Restava um mugido num canto, um zurro noutra, até que a tarde abarcasse todos com seu manto invisível. A vida, no vagar, se ia. Um dia ia saltando sobre o seguinte e sumindo nele que, por sua vez, desaparecia no próximo. O rio, as conversas e cantarolas, as lembranças das coisas iam se empilhando. Esquisito como as coisas adormecem no correr do rio, que outro se torna, no dia seguinte. Aquela gente parda, trabalhadeira, com suas mãos hábeis, retirava dele o seu sustento. Seus rostos desenhados de rugas, algumas de cabelos encanecidos, mais se iam parecendo com o remanso dele. Mas nem se davam conta disso.

O correr da vida no seu vagar. Pensava Bento Loro. Depois voltava, agora com um motivo a mais: Nanami. Na manhã seguinte, ao vê-lo se aproximar, ela sungou os ombros e o olhar. Ainda reparou quando o Soroco abocanhava o capim verde com o beijo esticado, a cauda sempre a balançar. Estava à procura de uma palavra para lhe dizer. Tinha guardado só o sentido: "a sua camisa, moço! Faz tempo que pedia por isso!" Ali no Gorutuba, tudo esbanjava luminosidade. Bento Loro agradeceu, entregou-lhe a outra trouxa de roupas que

trazia, e cresceu no sorriso. Cresceram-lhe as horas do dia. E ele guardou consigo o gesto e o sorriso dela.

Entre outros afazeres, o dia tinha se passado. Ele nem tinha desdobrado a sua camisa, a que recebera lavada e passada. Foi então que a frase, de repente, lhe voltou: "Faz tempo que pedia por isso." A frase se subsumiu no sentido mais amplo: camisa limpa e cheirosa. Daquela feita, imaginou que o limpo poderia estar ligado ao capricho, que ela definitivamente tinha jeito para aquilo, e que ele vivia à margem daqueles mimos. E as mãos? Aquelas delicadas mãos que ele botara reparo, os cabelos negros, respingados de água. Tudo delicado e encantador. Naquele instante, lá fora, o Soroco abria os seus olhos grandes para a noite. Olhos que tudo enxergavam na escuridão. No céu um resto de lua, mingando preguiçosa, ao lado das estrelas bordadas no pano escuro do céu. E aconteceu que aquela noite foi mais demorada, de sono intermitente. Quando acordou do último cochilo, esticou os braços para o alto, num bocejo longo, longuíssimo. Disse: "Êita vida!" Em seguida, preso na ansiedade, voltou ao rio.

"Não me paga, hoje! Deve ter outras peças."

"Pois tenho, por demais!"

Boiadeiro de profissão, Bento Loro foi se acostumando ao jeito manso de Nanami, de mãos hábeis que lhe lavavam as camisas e lhe punham o cheiro de arnica. O Gorutuba é o mesmo depois de encontrar o Verde Grande? Há quem diga que não: ele se torna o outro, por nome e pela mistura dos grandes volumes d'água. Tem caso de rio que não se mistura, mas o Gorutuba é manso. Dá de beber às cidades que o margeiam, às plantações que se vestem de verde depois de receber as suas águas. O Gorutuba banha as pernas das moças, molha as suas intimidades, alivia o calor que rebenta do alto. O Gorutuba se conforma com o jeito manso de Nanami, com o seu olhar de mistério. Bento Loro carece de entrar no Gorutuba, molhar os seus pés, a sua cara, acompanhar os cabelos de Nanami a boiar.

Alguns dias ele ficou sem ir lá, por conta de seus afazeres, do tanger da boiada, na sua dura lida de sempre. Mas voltava, e as outras lavadeiras, quando o viam de longe, tratavam de avisar Nanami. O cenário é o rio, quase sempre. Mais do que as outras, Nanami falhava em casa, sumia. Já sabiam quando ela não descia a margem. Alguma vez, a irmã Celina lhe trazia o café e a observava, longamente. As amigas de rio e de roupa se diziam: "hoje, ela deve estar de conversa com os seus amigos druidas!" Tão segura de si, ela dizia ouvi-los, numa percepção irreal, alucinada, descrevendo-os como conselheiros da sociedade Celta, muito antiga, como se junto dela estivessem. Dia sim, dia não, ela os trazia de conversa, de casa ao rio, do rio para casa. Noutras vezes, quedava-se de olhos fixos, por instantes, sentindo-se incapaz de iniciar as suas tarefas de lavação. Mas eram amigas as suas companheiras de águas; respeitavam, sem estorvo, o que devia ser do seu particular. E acharam natural quando ela fixou o olhar em Bento Loro, como se o conhecesse, de antes. Pode ser que o visse noutros trajes, pode ser que o tivesse como um cavaleiro, montado no Soroco como um enorme e vistoso Percheron, de crinas longas.

Um dia ela o chamou para longe das mesinhas de cimento, para longe das águas de costume. Quis que ele viesse com ela, que entrasse. Abriu-lhe o rio, deixou que a água

lhe subisse até o colo, depois escorresse nele, avivando o seu bronze de sol. Ele se despiu e pisou devagar no Gorutuba, indo curioso até os cabelos dela, segurando-os com suas mãos calejadas de rédeas, testando a sua textura de cabelos soltos em água. Desempoeirou-se. Molhou-se fartamente. E foi então que o rio amigo lhes conheceu o calor, um calor mais intenso do que o que vinha do alto, do ar úmido. Bento Loro, um pensamento lhe passou: ir até a casa dela; tinha a irmã que ele viu junto dela, de outras vezes. Mas ela recuou, disse que de outra vez, deveriam ir juntos. Ele a abraçou, molhada, sentiu o seu corpo fremir junto dela; procurava pelo desejo dela. Ela fechou os olhos, dessa vez sem lembrar de nada. Nanami que conversava com pessoas inexistentes, ali estava presente, cheia de vontade de viver. Naquele instante eram eles e o Gorutuba. O rio é comprido e manso, ele guarda as suas forças na represa Bico da Pedra. Bento Loro saía, montava a burro, mas agora voltava para perto dela, renovadas forças.

"Nanami, além de cuidar das minhas camisas, quer cuidar do demais?"

"Quero, por certo!"

"Explica esse negócio desses sujeitos que você ouve!"

"Os druidas?"

"Sim!"

"Êita, são meus amigos, não me estorvam!"

"Mas quando foi que começou?"

"Faz pouco tempo. Mas não ficam grudados, nunca vi o chão deles, entende?"

"E o que eles fazem?"

"Nada. Às vezes nem aparecem!"

Bento Loro vaquejava por aquelas estradas, corria os pastos a tanger o gado, via outras morenas, vontade de conversar, de despertar um desejo, mas com Nanami tinha sido diferente: uma vontade mais forte que ele, irremediável. Deu vontade de saber mais a respeito dela. Teve vontade de ir conversar com a irmã dela, a tal de Celina, que a vigiava, cheia de cuidados. Ninguém podia dizer que Nanami não cuidava de si, isso não. Sabia lavar e passar como ninguém, mãos hábeis, ajudava a despencar as bananas, no abrigo de pós-colheita. Ela, Celina e o irmão tinham herdado o bananal. E depois aqueles olhos arredondados, mestiços, mais para castanhos do que escuros, sob os cabelos negros e lisos. O corpo esguio, bamboleante, que mexia com as águas ao redor, enquanto esfregava e enxaguava as peças de roupas. E o Gorutuba que a conhecia na intimidade, mais do que ninguém. Êita rio, que muda a vida das pessoas!

Quando ele chegou à casa, Celina estava a fritar o torresmo para receber o feijão-caupi. O cheiro bom, da mistura de temperos, exalava no ar, chegava até a sala. Ele tirou o chapéu, cumprimentou-a. Ela pegou a falar da irmã, ajeitou o avental à frente e o chamou à cozinha, enquanto terminava a farofada. Nanami já lhe tinha falado do moço, dono daquela camisa xadrez que ela passou e dobrou mais de uma vez. As roupas novas e boas, ela queria que parecessem mais vivas de cores. Repassava, desamarrotava. Tempo tinham para conversar, naquele dia, mas Bento Loro não quis tocar no assunto do comportamento bizarro de Nanami, podia ofendê-las. Não quis, também, esperar o almoço, deixou o dinheiro das roupas com Celina; montou e tocou, era hora de cuidar das outras coisas. Ela ficou a

espiá-lo da porta. Dias antes, já tinha notado que a irmã estava diferente. Quem as visse juntas podia saber, Celina era tão de acordo com tudo, por afeto. A fogo-apagou armou o seu canto e ficou a repassar as notas, afinando o tom.

Não se viram por dias porque Bento Loro foi para o Sul, viagem demorada, atrás de bois de recria, pasto à espera. Ele era quem escolhia, de olho bom, acostumado, se sabia. Ali, naquele ponto de cidade, havia sossego bastante para os dois, mas ele ficou encasquetado com aqueles-uns que ela dizia ouvir. Perguntou deles, mas ninguém sabia, nunca tinham ouvido falar, simplesmente podia ser um faz-de-contas, sem conta com a realidade. Um dono de farmácia lhe disse que havia mais gente assim, naquele mundo de terra e rios, que uns tinham receita de médico psiquiatra para tomar remédios. Bento Loro se arrependeu de não ter tocado no assunto com Celina. Decerto ela já sabia de alguma coisa. Depois se lembrou do que Nanami lhe disse: "Faz pouco tempo. Mas não ficam grudados, nunca vi o chão deles!" Foi então que ele caiu em si, conforme o dito do farmacêutico: "Isso vem e segue para a vida inteira!" Nanami, morena que tem cheiro de rio, que se molha nele e dele. Aqueles-uns de que ela fala, são só dela, do pensamento em alguns momentos. Depois ela é a mesma, tão cheia de cuidados, tão cheia de doçuras. Viver é só uma vez e carece de sensatez.

Bento Loro voltou, de boiada conduzida; entrou porteira, viu luz ainda e a tarde a descambar no horizonte. Já anoitecendo, quando as estrelas se firmaram no pano escuro do céu, é que ele viu Nanami, toda linda, de cabelos lavados. De pé, com a luz da sala atrás de si, ela lhe sorriu. Agora diferente das outras vezes, porque era começo de noite. Ali perto o bananal dormia as suas folhas, maiores ou menores, conforme eram mãe, filha ou neta. Cresciam os cachos de banana que mais pesavam à medida que perdiam as suas quinas. Havia muito que conversar, desde a última vez que se viram.

"Celina me disse que você esteve aqui?"

"Sim!"

"Ela também me disse que é melhor a gente se ver aqui!"

"Longe do rio?"

"Sim. O rio afogueia a gente, não sabe?"

"Qual a sua idade, Nanami?"

"Vinte e um, e mais uns meses. Você está me vendo assim, mas está com a cabeça apartada, pensando nas vozes!"

"Estou não. Agora penso é naquela garotinha que vi por aqui, outro dia."

"É a filha da Celina, de quatro anos!"

"Qual o nome dela?"

"É a Ana. Quando elas chegarem, eu lhe mostro! Porque agora estão na missa."

Nanami é moça e linda. E esses sintomas de alucinação, o que poderia ser? Pergunta-se Bento Loro. Fora desses momentos, age de juízo normal, ao que parece. Também lhe falou o farmacêutico que conhece outros casos: "Quando voltam do surto, o que pode levar dias, eles costumam ficar isolados, sem vontade de voltar às suas atividades." Foi o que ele notou com a ausência dela entre as lavadeiras; mas, não muito tempo. Por certo, ninguém entende, nem as lavadeiras, nem a família. Sobre o vivo dos seus

olhos puxadinhos, a habilidade das suas mãos, tudo demonstra o seu bem-estar. Ademais, moça mais bonita que ela é difícil de encontrar por ali: os cabelos muito lisos, de um pretume que a água do rio acentua. O Gorutuba realça a sua vivacidade, estende o seu sorriso para além das suas margens. Ela parece entender muito bem de si, tem na conta o que aqueles uns falantes lhe causam, por ela escutá-los na sequência de dias. Decerto percebeu que as pessoas ao seu redor não contestaram o que ela dizia ouvir, pois sabiam que as vozes são exclusivas da sua cabeça. Celina, a irmã e anjo da guarda, a acompanha, um dia sim, outro dia também.

De certo, agora, ela está mostrando as suas fotos a Bento Loro: de quando tinha dez anos, depois aos quinze, com os cabelos na cintura. Ele a olha, depois volta a mirar a fotografia. Compara. Ela continua esbelta, sacudida. O que vem do coração não vê feição. Nanami, a morena mestiça que fica a rodear a sua mente quando ele está distante, água no deserto, haste de flor no verde silvestre. Naquele instante ele se sentia a própria torrente, destemido, a levar os cabelos dela com toda força, a jusante. Nanami deve ter pensado: "Bento está querendo me compreender, mas nem eu me compreendo." Depois de meses, as pessoas do seu convívio, da família e de fora, começaram a compreender que ela possui um distúrbio que afeta a sua capacidade de pensar com clareza durante dias. Bento Loro não entendia essa dissociação com a realidade. Por isso a Celina não queria muito que os dois ficassem sozinhos, no rio. Mas ela ia, ficava olhando, sem entender direito.

*O senhor releve essa minha dúvida,
Que tenho no olhar, enquanto alcanço
Nele, o vezo de pensar. Quem na vida
Pode tudo escolher, rumo e descanso?*

*Quem é que diz que no findar da vida,
Pode, avante, se esbarrar no remanso?
Ninguém, se o que vem na muita medida
É água de rio que arrasta o alcanço!*

*O senhor releve a falta de festa
No dizer. Tudo é muito baralhado
Feito o sonho solto, desconjuntado.*

*Dia sim, dia não, a correnteza encrespa
A gente envelhece é para assentar,
No fundo, o que vai fora de lugar.*

Bento Loro compreendeu, enfim, que aquele olhar vazio que ela às vezes tinha, sem enxergar o que lhe estava à frente, vinha de si, como um sintoma daquilo que o farmacêutico lhe tinha explicado. Em alguns dias, ele se aproximava, mas ela continuava distante. Noutros dias, ora no Gorutuba, ora entre as ruas de bananeiras, sob o sol assente que vigiava tudo do alto, era o mesmo tom de vida em sossego. E tinha o verde a balançar preguiçosamente, coisas diárias que eram tudo de bom de se ver e de viver, Nanami gostava

delas por demais. As bananas engordando nos cachos, desfazendo-se das suas quinas; e havia os passarinhos que ficavam no sombroso da folhagem, Nanami parava por perto para espiá-los.

Bento Loro pensou: "É preciso conversar de novo com o farmacêutico, tirar mais informações. De tudo ele se lembrava bem. Mas antes, conversou com Celina, o que foi de bom proveito, pois ela lhe disse que estava sentindo a precisão de procurar ajuda. E não foi por acaso, pois ao sair à procura de médicos, que praticassem essa especialidade, encontrou para encaminhamento um que conhecia o distúrbio. Ele lhe indicou uma clínica em Montes Claros. De seu relato, Celina ficou sabendo que aquilo dela podia ser tratado com medicação correta e daí em diante ela podia ter uma vida correlata com o normal. E foi assim que aconteceu. Celina e o irmão José a levaram, uma vez; em seguida, retornaram, depois de um mês. Quando foram pela terceira vez, o médico lhes disse que o transtorno dela estava se tornando progressivo. O nome daquilo: esquizofrenia. Sem ter noção do agravamento, Nanami começou a fugir de casa, sem rumo, horas a pé. Celina e José iam atrás dela, naqueles estirões de estrada de chão. Depois se acostumaram a encontrá-la à beira do rio, ou da lagoa, diante do espelho d'água. Sempre os mesmos lugares. Dizia ouvir vozes; molhava-se, cobria-se de lama; não raro, machucava-se com algum seixo quebrado ou galho seco. Dizia coisas sem sentido que os irmãos já conheciam. Depois voltava apática junto deles.

Bento Loro, desencontrado, afastou-se dela e de si mesmo. Num dos momentos de lucidez, ela lhe disse que fosse para longe porque ele não iria suportá-la. Faltou-lhe a voz, que ficou presa na garganta. Não tinha a dimensão exata do que ela estava a lhe dizer. Por alguns dias, ele ainda ficou, visitou a casa delas. Mas ela estava apática, muito mais que antes. Era a progressividade do distúrbio. Ninguém sabia, veio tudo num redemoinho, o distanciamento dela, as alucinações que se tornaram mais frequentes. Nem deu tempo de lhe ver a barriga começando a crescer, passando do quarto mês. Nanami carregava a filha de Bento Loro, dentro de si, que ele só ficou sabendo muito tempo depois, muitíssimo tempo.

Bento Loro não queria, não sabia, mas se foi. Procurou recomeço noutras paragens, partiu com Soroco para o Goiás. O que é diferente assusta, principalmente a quem não é do círculo de convivência. Doeu-lhe não ter vivido o que ele pensava ter encontrado. Também lhe doeu o pensamento de não ter insistido em ficar ao lado dela, de não ser capaz de acompanhar-lhe a incapacidade de distinguir a realidade da imaginação. Ademais, a vida seguiu na placidez do Gortuba, no sereno de suas águas que seguem adiante até dar de encontro com o São Francisco. Depois, dele não souberam mais, nem puderam achá-lo para lhe dar a notícia do nascimento de Cris, a garotinha de olhos escuros e cabelos negros. Duas semanas depois do nascimento, no meio de suas alucinações, Nanami doou a filha a um casal conhecido, que morava ali por perto. Quando soube, Celina foi buscar a criança e a levou consigo. Depois, vendo a criança sob os cuidados de Celina, Nanami lhe disse: "Eu não ia conseguir cuidar dela, minha irmã, porque eu não estou conseguindo nem cuidar de mim!" Naquele tempo, a Ana, filha de Celina, tinha completado os cinco anos de idade. A menina Cris viveu com elas até os sete anos de idade, sem saber que a sua mãe, na verdade, era a Nanami. Depois disso, ela foi aproximada da mãe biológica, cujo tratamento já se dava por medicamentos, sempre levada às consultas, ora pelo irmão José, ora pela irmã Celina.

A menina não entendia direito quando a mãe biológica a visitava, pensando ser na verdade uma tia, que ela chamava de tia Nanami. Conversavam. Celina sempre por perto, às vezes falavam do tratamento, dos medicamentos que ela comprava e depois vigiava para que Nanami tomasse a contento. Algumas vezes, ela sumia por vários dias. Continuava a sumir; mas retornava, ela sempre retornava, na maioria das vezes com aquela melancolia, ou com uma apatia impregnada na face. Perguntada sobre o que sentia, espichava o silêncio por alguns segundos, e em seguida respondia: "Deve ser alguma coisa da cabeça, eu não sei direito, deve ser! Quando vou para o bananal, nem consigo trabalhar direito, fico pensando em outras coisas!" Celina percebia quando ela estava para ter as alucinações, pois ficava diferente, como se estivesse para receber alguma coisa que nem ela mesmo sabia a intensidade. Depois, com tratamento após tratamento, ela foi se reaproximando de si mesma, e depois da filha. Quando a menina completou sete anos, Nanami veio num domingo e a levou consigo. Foi então que a garota compreendeu que elas iriam viver juntas.

De vez em quando, ela voltava ao rio. O Gorutuba a recebia, de margens abertas; porém ela não entrava. Ficava a olhá-lo, revisitando o passado; saudava as colegas lavadeiras, algumas novas, e depois corria a pé, de volta para casa. O Gorutuba nunca lhe foi indiferente, passeava por ali com a filha. Em alguns momentos, súbito a abraçava e falava dos seus amigos druidas, encarregados de aconselhamento dentro do povo Celta. De olhar arregalado, com estranheza, a filha a observava, principalmente pelo olhar perdido e pela voz lúgubre da mãe. Por sorte, tinha a presença de Ana, que depois se tornou prima, ou prima-irmã como depois passaram a se tratar. Pois bem, a Ana sempre lhe tentava explicar aquelas coisas, pois via que a prima incorporava aquelas coisas dentro de si, como o olhar triste e aquelas alucinações que de vez em quando voltavam.

À medida que Nanami foi fazendo uso dos medicamentos, à medida que ela foi se tratando com o psiquiatra e com o terapeuta, os seus sintomas foram se amenizando. Ela reexistia no modo de fazer as coisas, no diário, nos cuidados com a filha. Aos poucos, ela foi recuperando uma saudade de Bento Loro, do seu jeito de olhar para ela, de se aproximar. Lembrou-se das roupas dele que ela lavava e passava, do cheiro dele impregnado nas camisas e até do Soroco. Num dia bem antes, de todo o acontecido, ela o montou, Bento fez questão. Ajudou-a a pisar no estribo, a galgar o lombo do burro, e depois soltar-se na marcha estradeira. Quando se viu em cima do Soroco, naquele bamboleio de corpo, sentiu uma liberdade diferente, movida a quatro patas, como se o chão se despregasse de seus pés. Depois viu os pastos, o gado de engorda a pastar zebuicamente. Bento Loro tinha o seu mundo, diferente do dela. Ali mesmo, onde moravam, coexistiam os dois mundos, só que eles nunca tinham se encontrado, até que Bento Loro passou por ali e a viu no rio, banhada de água por todos os lados. Olhos de boiadeiro a viram e bastou para que ele quisesse dela se aproximar. Nunca tinha visto uma morena tão bonita e molhada, com aqueles olhos puxadinhos e aquelas bochechas salientes. Depois, como ele dizia, boiadeiro também se molha, de vez em quando atravessa a vau os bois, a caminho da invernada.

A convivência com o transtorno de Nanami se deu acompanhada de sofrimento e limitações. Depois de muito tempo é que Bento Loro soube exatamente do que se tratava. Ficaram-lhe as recordações do período em que se conheceram e juntos começaram a escolher o que queriam viver. Considerando a complexidade, a esquizofrenia pode destruir sonhos, repercutir na vida afetiva e social. Nanami e Bento Loro viveram o final daquilo que

pode ser considerado ainda o normal, fazendo a transição para a enfermidade, com progressividade de sintomas e aumento de sofrimento. Poucos anos depois, ela encontrou outra pessoa que tinha a mesma enfermidade que a sua. Foi no consultório do médico Psiquiatra. Então ela achou que aquela pessoa era muito parecida consigo. Se deram bem e se sorriram, falaram de coisas amenas, do diário, como se já se conhecessem. Talvez tivessem a compreensão de que aquele mundo substituto em que viviam era um fardo pesado demais para carregarem. Nanami lhe disse, enquanto esperavam na recepção:

"Sorte eu tenho que os meus amigos druidas não me pedem para eu me matar ou para matar alguém! Eles só me dão conselhos de como proceder com as outras pessoas!"

"Sorte sim, Nanami, o meu irmão bebeu agrotóxico de botar nas bananeiras e foi parar no hospital, ficou internado. Lá em casa somos dois, eu e ele."

"Foram eles que pediram para você mandar embora o pai de sua menina, a Cris?"

"Os druidas? Sim! Disseram que ele não gostava muito do Gorutuba, e que só ia estorvar a minha vida!"

Passados os anos, a menina Cris cresceu, interessou-se pelo cultivo do bananal, herança de seu avô, estudou Agronomia lá mesmo em Janaúba. Depois foi para o Sul, em busca de especialização, mas isso já é outra história, escrita noutro livro.

